



NATAL POPULAR - A CULTURA PERDIDA

Em outras eras o tempo de Natal transformava-se em momento alto de cultura popular no Nordeste Trasmontano. Nas igrejas e nos adros, em volta dos presépios ou das fogueiras do galo, representavam-se peças de teatro nunca escritas e transmitidas de geração em geração. Os actores eram pessoas do povo que, ao longo do ano, faziam por merecer a representação de tal ou tal personagem. Tudo era autêntico e genuíno, nada fictício.

As mais óbvias destas peças de teatro eram as "Pastoradas" e que, mantendo embora uma base comum, variavam de terra para terra. Infelizmente a generalidade desses patrimônios do Drama Popular da "Donzela Perdida".



Eu tinha ouvido falar que antigamente na aldeia de Adeganha se representava uma dessas

peças de teatro. No verão de 87, numa das muitas visitas que ali fiz (e continuo a fazer porque aquilo é mesmo um verdadeiro museu de arqueologia, arquitectura e antropologia), lá consegui juntar umas posi-



cas de pessoas mais idosas e... uma ou outra recordavam algumas quadras. Da que conseguia reconstituir-se aqui fica o Drama Popular da "Donzela Perdida".

Comecemos pelo cenário. Dia de Natal, as donzelas da aldeia, depois de prepararem o

presépio dentro da igreja, pegavam em um ramo de árvore e colocavam-o junto do presépio.

No ramo penduravam cada uma a sua prenda: um cabrito, um queijo, um peixe de bacalhau, salpicões, chourças, bolos, frutas, uma cabaça de vinho, etc.

Junto ao presépio e ao ramo, desde o sol-pôr



até começar a Missa do Galo, ficavam as donzelas rezando. O ramo seria arrematado no outeiro dia, no adro da igreja e o borralho da fogueira servia para aquecer as pessoas e para assar logo algumas das prendas arrematadas.

Entretanto e, enquanto as donzelas entravam na igreja levavam as oferendas para enfeitar o ramo, ficava plantado, à porta da igreja, fardado e de espada em punho, o Embaixador das Donzelas que era o rapaz que mais confiança e simpatia grangeava na aldeia durante o ano. Ele ficava ali, de vigília, guardando o presépio, o ramo e as donzelas.

Uma das donzelas, a Berta, atrasou-se e já de noite é que chegava à porta da igreja com a sua prenda. É aqui que o drama se desenrola, e nele intervêm a Berta e o Embaixador. Escusado será dizer que o povo da aldeia estava empoleirado, nos muros do adro para assistir ao Drama.

Embaixador:
- Eu não te deixo entrar.

Berta:
- Eu não sou mulher mandada que tu possas conhecer. Sou uma pura donzela que a Jesus quero ir ven.

Embaixador:
- Se tu és pura donzela, porque não vieste de dia? Queres entrar neste templo sem trazer guarda nem galo?

Berta:
- Eu trago aqui uma carta. Vem das mãos do Redentor. Deixa-me entrar nesta igreja Tu que és Embaixador.

Berta entregava então uma carta que o Embaixador ia ler para junto do presépio.

Embaixador:
- Eu trago aqui uma carta. Vem das mãos do Redentor. Ela vem para o Presépio. Senhor, dá resposta a ela. Uma voz:

- Ela vem para o Presépio? Recebe-a, Embaixador. Ela vem trazer o Ramo ao Divino Salvador.

O Embaixador volta então à porta da igreja



onde a donzela esperava. Embaixador:

- Entra, donzela pura, Por essas portas adentro, Que a resposta está dada No sagrado Nascimento.

Depois de a donzela entrar, fechavam-se as



portas da igreja. Os rapazes começavam a chegar ao adro. Vinham puxando um carro de

Ramo. Era assim o Natal trasmontano antes de desaparecer as tais pilhas que fazem as crianças correr atrás dos brinquedos.

Aqui fica, em toda a sua ingenuidade e pureza ancestral este fragmento de cultura popular trasmontana. Esperemos que alguém com sensibilidade nele pegue e faça uma encaenação condigna. Adeganha merece. O templo e adro que lhe servem de cenário lá estão, perfeitos, com cerca de mil anos de idade, também eles um fragmento da história e do património deste País. Ao menos aproveite para visitar esta aldeia. A sua visita será também um pequeno contributo para a revitalização de um mundo cultural desconhecido e bem próximo.



bols carregado com grossos troncos de sobheiro para a Fogueira

onde a donzela esperava. Embaixador:

Bols carregado com grossos troncos de sobheiro para a Fogueira

onde a donzela esperava. Embaixador:

Bols carregado com grossos troncos de sobheiro para a Fogueira

onde a donzela esperava. Embaixador:

Bols carregado com grossos troncos de sobheiro para a Fogueira

onde a donzela esperava. Embaixador:

do Galo que acendiam ao fim da Missa e ali ficava acesa toda a noite, guardada pelos rapazes. O Mordomo do Menino oferecia o vinho. Ao outro dia arrematava-se o



portas da igreja. Os rapazes começavam a chegar ao adro. Vinham puxando um carro de

Ramo. Era assim o Natal trasmontano antes de desaparecer as tais pilhas que fazem as crianças correr atrás dos brinquedos.

Aqui fica, em toda a sua ingenuidade e pureza ancestral este fragmento de cultura popular trasmontana. Esperemos que alguém com sensibilidade nele pegue e faça uma encaenação condigna. Adeganha merece. O templo e adro que lhe servem de cenário lá estão, perfeitos, com cerca de mil anos de idade, também eles um fragmento da história e do património deste País. Ao menos aproveite para visitar esta aldeia. A sua visita será também um pequeno contributo para a revitalização de um mundo cultural desconhecido e bem próximo.



bols carregado com grossos troncos de sobheiro para a Fogueira

onde a donzela esperava. Embaixador:

Bols carregado com grossos troncos de sobheiro para a Fogueira

onde a donzela esperava. Embaixador:

Bols carregado com grossos troncos de sobheiro para a Fogueira

onde a donzela esperava. Embaixador:

Bols carregado com grossos troncos de sobheiro para a Fogueira

onde a donzela esperava. Embaixador: